

A escrituragem amazônica nas poéticas de Amanara Brandão Lube e Mari Santos

The Amazonian escrituragem in the poetics from Amanara Brandão Lube and Mari Santos

Erlândia Ribeiro da Silva¹

Patrícia Pereira da Silva²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a ancestralidade e a resistência estão presentes em dois poemas da obra *Entre portos: narrativas às margens* (2021), da escritora rondoniense Amanara Brandão Lube, e dois poemas do livro *A não tão grande outra* (2022), da poeta e rapper rondoniense Mari Santos. Tais poemas serão analisados a fim de que possamos compreender a potência poética e a força que se tensionam nessas duas escritas, que apesar de distintas falam de um mesmo lugar. Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio* (2017, p. 9), analisa a escrita feita por mulheres negras como “ato político”, nesse sentido, compreendemos a barreira que as escritoras aqui mencionadas enfrentaram ao lutarem não só por espaço editorial, mas também pela condição étnica, social e geográfica. Estas nuances aparecem nos poemas analisados, reverberando poeticamente no cotidiano apresentado, as violências simbólicas e factuais oferecem uma crítica audaz ao nosso tempo, denunciando desde os silenciamentos pelos quais as mulheres passam, até a ausência de direitos sobre o próprio corpo. Para tanto, esta pesquisa recorre aos estudos críticos de Conceição Evaristo (2017), Audre Lorde (2019), bell hooks (2019) e demais pesquisadoras que nos ajudem a compreender a escrituragem e a resistência que atravessam os poemas das obras aqui analisadas.

Palavras-chave: Escrituragem; Resistência; Poesia; Amanara Brandão Lube; Mari Santos.

Abstract: This paper aims to analyze in which ways the ancestry and the resistance are present in two poems of the work *Entre portos: narrativas às margens* (Between harbors: margin narratives - 2021) from the rondonian writer Amanara Brandão Lube and two poems from the book *A não tão grande outra* (The not so great another - 2022) from the rondonian rapper and writer Mari Santos. Such poems will be analyzed in order to comprehend the poetic potency and the strength which establishes themselves in tensions in these two forms of writing, which, despite being different, speak from the same place. Conceição Evaristo, in *Ponciá Vicêncio* (2017, p. 9), analyzes the writing made by black women as a "political act", and, in that sense, we comprehend the barrier that the mentioned writers have faced in fighting not just for editorial space, but also by their ethnic, social and geographic conditions. Those nuances appear in the analyzed poems, poetically reverberating at the habitual life presented, the symbolical and factual violence, which offer bold criticism to our times, denouncing the silencing which women endure to the absence of rights over one's own body. For such, this work recourse to the critique studies by Conceição Evaristo (2017), Audre Lorde (2019), bell hooks (2019) and other woman researchers which help us to comprehend the escrituragem and the resistance that traverse the poems at the works here analyzed.

Keywords: Escrituragem; Resistance; Poetry; Amanara Brandão Lube; Mari Santos.

¹ Doutoranda em Letras – UFES, e-mail: erlandiaribeiro95@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1735-4860>

² Mestranda em Estudos Literários – UNIR, e-mail: patthypds@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2325-6581>

Introdução

As poetas Amanara Brandão Lube e Mari Santos são duas expoentes da literatura rondoniense que têm despontado com muita força desde o lançamento de seus primeiros livros. As escritoras dialogam com temas atuais, em que a mulher aparece enquanto protagonista, refletem criticamente sobre o cenário que vai desde ao preconceito racial, até as violências de gênero, marcadas e sentidas em sua maioria por mulheres negras.

As duas autoras estão presentes na coletânea *Primeira fagulha: literatura contemporânea escrita por mulheres de Rondônia* (2021), publicação feita pelo coletivo ativista Clube das Escritoras de Rondônia, que visa mapear as escritoras do Estado de Rondônia e dar visibilidade a elas. Nessa primeira aparição de Lube e Santos, verificamos que suas, “escrevivências”, (termo cunhado por Conceição Evaristo) se aproximam, apesar de utilizarem gêneros textuais divergentes: Lube opta pela peça teatral, enquanto Santos escolhe o caminho da versificação com poemas. Mesmo assim há uma sintonia entre o que escrevem, pois a ancestralidade atravessa essas produções.

Após esse momento inicial, as duas autoras seguem com seus projetos literários, Amanara Brandão Lube publicou ainda em 2021 o livro *Entre portos: narrativas às margens* juntamente com o professor e também escritor Christian Otto Muniz Nienov, de forma independente, através da lei de incentivo Aldir Blanc de fomento a projetos culturais. Enquanto isso, Mari Santos publicou em maio de 2022 *A não tão grande outra* pela editora E-Liber (São Paulo).

A apresentação de *Entre portos* (2021) de Lube, já aponta o caráter afetivo-histórico que permeia o livro:

Entre portos: narrativas às margens é fruto da inquietação imaginativa dos autores diante da impossibilidade de transitar pela cidade real durante o ano pandêmico de 2020: às recordações afetivas misturaram-se os dilemas atuais. Os textos cruzados que partem de visões de mundo distintas, desde a perspectiva de uma mulher rondoniense afroamazônida porto-velhense até a perspectiva de um estrangeiro, gaúcho-germânico porto-alegrense, traçam uma característica histórica da cidade e do próprio Estado onde moram: a formação cultural através da interação entre os povos nativos e as diferentes levas de imigrantes. Lembranças e imaginação se misturam nas páginas deste breve mergulho por rios de gente que margeia o mundo do progresso enquanto é margeada pelo ambiente da floresta amazônica. (LOPES, 2021, p. 170).

Nesse sentido, destacamos aqui a descrição no que se refere a Lube: “perspectiva de uma mulher rondoniense afroamazônida porto-velhense”. Essa menção nos ajuda a compreender o lugar em que a escritora se encontra ao escrever essa obra e suas nuances no que diz respeito a sua própria identidade. No decorrer das análises dos poemas de Lube, comentaremos mais profundamente como essa identidade é afirmada, como forma de exercer ancestralidade e resistência.

A apresentação do livro *A não tão grande outra* (2022) de Santos, sinaliza os temas dominantes da obra:

A não tão grande outra é um livro de poemas escrito em versos livres, onde se salientam os temas solidão, negritude, feminino, maternidade, amor. O eu, dilacerado pela poesia, transborda do próprio corpo, abrigo e receptáculo, desde o poema-título. A insurreição é marca do mesmo corpo que dói e dança, e volta a perder-se na fugacidade das redes (anti)sociais. Trata-se de um embrenhamento no que se esvai, dilata, entontece e cresce outra vez no âmago da intimidade subvertida por si mesma. (CUNHA, 2022, p. 145).

Aqui podemos analisar que os temas recorrem também a afirmação de uma identidade em que “solidão, negritude, feminino, maternidade, amor” são somados, em um movimento de luta e de resgate.

Assim, os dois livros aqui apresentados partem de iniciativas extremamente relevantes, pois dialogam com o que Conceição Evaristo aponta como “ato político”:

O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autora dessas mulheres, mas também a condição étnica e social (EVARISTO, 2017, p. 9).

Dessa forma, podemos verificar que há um caminho de enfrentamento a ser percorrido para que escritoras negras sejam publicadas. E mesmo quando conseguem lançar seus livros existe outra luta a ser combatida: a da invisibilidade que as acompanha.

Portanto, nosso trabalho busca evidenciar como Lube e Santos percorrem o caminho da afirmação de suas identidades enquanto escritoras negras e rondonienses, através de seus projetos literários. E que tal afirmação comprova a resistência e a ancestralidade que conduzem suas obras poéticas.

1. Quando os poemas rompem o silêncio

Nesse momento, passaremos às análises dos poemas que revelam como o silêncio se rompe através da palavra ancestral que ultrapassa gerações e ecoa afirmando essas identidades à margem. Além disso, nos atentaremos para as similaridades que os poemas de Lube e Santos suscitam. A seguir apresentamos o POEMA I de Lube:

Poema I

Palavra às vezes é
chuva mansa

Abaixando a poeira
do coração

Palavra também pode ser
tempestade

Alagando as vias
da razão

Eu prefiro a palavra
como força motriz,
pulsação,
energia que gera revolução.

(LUBE, 2021, p. 15).

No poema acima podemos verificar a importância da palavra no momento em que é proferida. Esse conceito é bastante importante na filosofia africana, pois ele está presente nas histórias orais que vão sendo contadas de geração a geração, e servem como um elo, conforme Hampaté Bâ em seu texto *A tradição viva*:

Nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (BÂ, 1982, p. 2).

Nos versos aqui analisados essa noção nos serve, apesar de estar na categoria da escrita, porque a palavra aqui é pulsação “que gera revolução”, ou seja, o espaço que o eu-lírico revoga como seu por direito é o da voz, da força que rompe com os silêncios institucionalizados. Nesse sentido, percebemos que as vias por onde segue o poema, são as vias de uma compreensão no

que se refere a sua identidade, lembrando que o conceito de identidade aqui perpassa a questão da margem, da exclusão, dentro do social/simbólico:

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 1995, p. 14).

Sendo assim, conseguimos compreender que existe uma marcação simbólica no poema de Lube que reivindica sua voz no mundo, dando sentido e espaço para que outras vozes mais sejam escutadas dentro desse processo. Na introdução do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, a pesquisadora Jurema Werneck aponta:

É assim que as mulheres, nós mulheres negras, buscamos formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriar-nos dele. De nomeá-lo. De nommo, o axé, a palavra que movimenta a existência (WERNECK, 2016, p. 14).

Dessa forma, a palavra aparece enquanto um importante agente de transformação, ao subverter e ganhar as páginas de um livro. Afinal esse movimento da palavra escrita era algo até não muito tempo atrás que pertencia somente a um grupo em nossa sociedade. Portanto, o poema de Lube estabelece forte impacto ao pensarmos nessa estrutura excludente para com mulheres negras escritoras, e nos faz refletir que esse aspecto de sua poética é resistência: “Por trás da máscara de um comportamento conformado imposto às mulheres afro-americanas, há muito tempo existem atos de resistência, tanto organizados quanto anônimos” (COLLINS, 2019, p. 271). Esse trecho retirado do texto *Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição*, de Patricia Hill Collins, é interessante porque nos deixa interpretar o poema de Lube enquanto ato de resistência, organizado e pensado enquanto literatura. Dessa mesma forma, nos atentamos para a escrita de Santos, que incorpora também tais aspectos em sua poética:

Amaledizente

Traz consigo arma engatilhada
no coldre reserva
nos bolsos, munição
Quem se atreve lhe desafiar
esteja ciente do que é coragem
não hesita disparo, economiza
não aprendeu cedo a atirar,

pistola pesada, destreza arco e flecha
nas linhas a guerra, linhas de conflito.
Buscou por força e apoio ancestral
resgatou realeza, beleza, suas crenças.
É Bantu, Mukongo, Kikongo, Angola.
Seu Ori é a cabeça, o crespo é coroa,
Poder criador, Nzinga, rainha na história...
Carrega consigo sua língua afiada
sim, anda armada do calor da fala,
espada que corta no instante que cura.
Amola a palavra na pedra que é bruta
sentimentos/reações, no canto da sala
camisa de força para conter loucura
O silêncio aqui grita no ouvido, escuta!
(SANTOS, 2022, p. 18).

Neste poema podemos verificar que há um movimento semelhante ao de Lube, em que a palavra-voz é o principal *leitmotiv* dessa escrita. O último verso “o silêncio aqui grita no ouvido, escuta!” é extremamente simbólico, porque apresenta o eu lírico reivindicando a escuta do outro, porque seus silêncios gritam.

Dentro do movimento da literatura feita por mulheres negras, esse espaço de escuta-visibility é reclamado seguidamente: “a literatura de mulheres de cor raramente é incluída em cursos de literatura de mulheres e quase nunca em outros cursos de literatura, nem em estudos sobre as mulheres em geral” (LORDE, 2019a, p. 242). Esse trecho retirado do texto *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença* da escritora Audre Lorde, nos chama a reflexão, afinal é preciso retirar da invisibilidade tais escritoras, é preciso romper com o silêncio que foi postergado a elas, e esse processo só acontecerá quando os espaços (não só sociais, mas também simbólicos) se abrirem.

A força também está presente no poema de Santos “quem se atreve lhe desafiar/esteja ciente do que é coragem” ou “carrega consigo sua língua afiada/sim, anda armada do calor da fala” que tratam justamente da potência-esforço em se manter em uma sociedade que dispara preconceito, racismo e violências diversas a quem está à margem. Conforme Lorde: “Eu nasci negra, e mulher. Esforço-me para ser a pessoa mais forte que eu conseguir – para viver a vida que me deram e para promover algum tipo de mudança que leve a um futuro decente para esta terra e para os meus filhos” (2019a, p. 235). Para as escritoras negras a questão da força está intrinsecamente ligada à sua existência no mundo, os poemas de Lube e Santos dialogam nesse sentido, pois a palavra é escudo protetor para as autoras, assim como um resgate da escrevivência (apagada historicamente) e símbolo de resistência, ao requerer voz-espaco-escuta numa mesma proporção.

Nos versos “buscou por força e apoio ancestral/resgatou realeza, beleza, suas crenças” ou “é Bantu, Mukongo, Kikongo, Angola/seu Ori é a cabeça, o crespo é coroa/poder criador, Nzinga, rainha da história” encontramos o que o autor Eduardo Oliveira aponta como “cultura da ancestralidade”: “a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente” (OLIVEIRA, 2012, p. 3). É importante perceber esse movimento no poema de Santos, que ao resgatar a origem Bantu, Mukongo, Kikongo até chegar em Angola e Nzinga, reitera seu local de origem, afirma sua identidade, sendo fundamental para compreensão de sua própria poética, porque tais elementos aparecem no decorrer da obra repetidas vezes, sendo assim um processo de resistência em seu projeto literário.

Nesse momento passamos para a segunda parte de nosso artigo analisando mais dois poemas de Lube e Santos, a fim de refletirmos mais profundamente como a ancestralidade e a resistência continuam figurando em outros poemas (e nas obras) das autoras.

2. De águas ancestrais ao beiradão-resistência

Nesta segunda parte faremos a incursão nos poemas *A cor do rio* e *BERA RESISTÊNCIA*, de Lube e Santos respectivamente, de forma que o rio e a beira – do rio –, traduzam os elementos de ancestralidade e resistência na poesia dessas duas mulheres. negras nortistas, amefricanas. Nesse sentido, a amefricanidade, categoria político-cultural cunhada por Lélia Gonzalez, nos ajuda atender a incorporação de “um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentada” (GONZALEZ, 2020, p. 135). Ou seja, referenciadas em outros modelos, como os das matrizes africanas, das religiões de matriz africana e do resgate da memória e da história de nossos ancestrais.

No poema, *A cor do rio*, de Lube, temos a relação da cor do rio com a cor da pele do eu-lírico, o marrom, semelhante ao corpo da própria escritora, sendo rio-corpo, corpo-rio, corpo-água, água-corpo; a juventude do rio, sua velocidade e sinuosidade é o próprio corpo-terra, também marrom, o húmus que escreve e inscreve a densidade e a sedimentação do ser negra-(preta)-marrom perto do rio, ao lado do rio e com o próprio rio. Para Beatriz Nascimento (2018), “as memórias são conteúdos de um continente, da sua vida, da sua história e do seu passado. Como se o corpo fosse documento (NASCIMENTO, 2018, p. 333). Nessas memórias se inserem: “Águas. Mares. Travessias. Diásporas” (MARTINS, 2021b, p. 30). Vejamos o poema na íntegra de Lube (2021):

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.15, n. 2, p. 005-017, 2022

Publicação periódica do Grupo de Estudos LECCA vinculada ao Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Endereço: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/index>

A cor do rio

Marrom,
a mesma cor da minha pele;
rio jovem, veloz e sinuoso,
análogo a esse corpo que lhe escreve.
Vim na rota das águas
encontrar histórias que meu íntimo
pedia re-conhecer,
e criar um outro sentido pra “curva de rio”:
lugar de encontro,
onde todo afeto pode nascer

(LUBE, 2021, p. 52).

Podemos observar na literatura contemporânea de mulheres-escritoras-poetas rondonienses/nortistas essa relação muito profunda com a águas, as águas e o rio, já que a relação com essas imagens é genuína à territorialidade artística e literária de tais mulheres, sendo o rio não só um elemento abstrato, mas também um elemento concreto de reconexão ancestral, talvez porque não temos um mar, talvez porque o rio desagua no mar. O rio é a nossa ancestralidade recuperada pelo próprio rio. Para Leda Maria Martins (2021a):

a ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, que se restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias e compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas (MARTINS, 2021a, p. 63).

Nesse sentido, verificamos como o rio recupera essa memória coletiva, intervindo como um ponto de conexão entre essas vivências, muito ligada a natureza e ao tempo-movimento que é outro (dilatação, expansão; passado, futuro), fazendo com que haja uma perpetuação desse afeto, como indica Martins. Nos versos “Vim na rota das águas;/ encontrar histórias que meu íntimo;/ pedia re-conhecer”, há na intenção do eu-lírico a busca pela reconexão e as águas são rotas que podem levar ao retorno, ao que Leda chama de tempo espiralar e o que Beatriz Nascimento poetiza no documentário *Orí*, “a terra é circular.../ O sol é um disco!/ Onde está a dialética?/ No mar. Atlântico-mãe! (NASCIMENTO, 2018, p. 326). Eu sou Atlântica, nos diz Nascimento (2018), e nas entrelinhas eu sou rio, nos diz Lube (2021), incidindo assim numa ontologia ancestral entre passado, presente e futuro (MARTINS, 2021a), onde das encruzilhadas dos rios os afetos podem emergir. Assim, não podemos desconsiderar que “a

história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social” (MARTINS, 2021b, p. 30).

A poeta e ensaísta Audre Lorde diz que “para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência” (LORDE, 2019b, p. 47). É por isso que a poesia contemporânea de mulheres negras da beira de rio força um outro direcionamento estético de perceber e sentir os poemas escritos/falados, ou seja, não apenas uma ideia de ‘sair do silêncio para a fala’, mas para traçar outros imbricamentos dessa fala, para que atraia uma escuta auricular, uma escuta de/com o coração. Dessa maneira:

as narrativas de mulheres negras que se comprometeram com a militância em lutas radicais pela mudança oferecem insights. Elas nos permitem conhecer as condições que possibilitam a construção de uma subjetividade radical da mulher negra, assim como os obstáculos que impedem o seu desenvolvimento (HOOKS, 2019b, p. 122).

É provável que a poesia, *per se*, não tenha esse ideal utópico e um comprometimento real de transformar a sociedade, mas para as poetisas negras a poesia tende a afirmar as raízes do passado com encadeamentos do presente ao olhar para o resgate ancestral e nutrir essa sensibilidade compartilhada à resistência e libertação, como um pássaro Sankofa (HOOKS, 2019b). À vista disso:

Cada uma de nos está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem; com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2019b, p. 54).

No poema BERA RESISTÊNCIA, de Mari Santos, o eu-lírico faz algumas interrogações ao seu interlocutor ouvinte-leitor, como no verso “quanto custa um corpo ribeirinho?”, aqui o corpo-rio do poema aparece ao contexto daquele que é morador da beira de rio, o ribeirinho, o bera, o beradeiro. Esse corpo-rio beradeiro-marrom, forjado dos corpos de mulheres negras e indígenas ou afro-indígenas tem na diáspora transamazônica a reexistência, uma existência e uma resistência bera, como podemos observar no poema completo de Santos (2022):

Bera Resistência

As ferrovias, pulsos cortados sangrando
Atraindo predadores do muco capital
quanto custa um corpo ribeirinho?
Uma mulher preta que amamenta?
Quanto custa pra ser Estado?
Fazer território ter um nome e uma
capital?
Quem recebe o pagamento em pesos de
prata?
O valor do sangue em conta-gotas.
Pode sentar-se à mesa com os grandes?
Quem se aproximar com intenções de
morte,
terá misericórdia no seu dia?
Éramos visitantes de toda riqueza
Era força de vida e a vontade de viver.
Retirantes nordestinos, acostumados
a passar fome, doer de sobrevivência
Nessas terras de coronéis e fazendeiros,
de sol quente na moleira e fé, muita fé.
Terra de farinha pouca meu pirão
primeiro.
Melhor não olhar feio, não falar, nem dizer
o que sente.
Se no fim da colheita quiser pagamento,
Mata, corre, é tiro, é bala.
Abafando as dores do povo no trio
elétrico
dizimando culturas e servindo o podre
da arte e da gente em bandejas de
papelão.

(SANTOS, 2022, p. 123-124).

O eu-lírico desloca de uma ideia de Amazônia mítica e mágica, para uma Amazônia de agruras, de muitos resquícios do colonialismo, e das velhas práticas de escravização dos corpos. O verso “Terra de farinha pouca meu pirão primeiro” nos diz daqueles estão nestas terras pela cobiça de mais e mais terras com a perspectiva da exploração e sem divisão; os conflitos agrários e territoriais na Amazônia são recorrentes e dessa condição o verso “Mata, corre, é tiro, é bala” resume a Amazônia a uma realidade dual, ou terra sem lei ou terra mágica. Na contraportada perspectiva do endeusamento amazônico, o poema reverbera uma outra Amazônia, uma terra de povos que existem e reexistem na luta constante pela relação com o lugar e não só pela propriedade do lugar; os amazônidas que aqui se constituíram nas beiras dos rios amazônicos, são BERA RESISTÊNCIA.

bell hooks, diz que “foi naquele mundo e por causa dele que cheguei ao sonho da escrita, de escrever” (HOOKS, 2019a, p. 33), um mundo de mulheres que abriram caminhos com as suas palavras e suas vozes, Mari Santos faz de sua fala e de seu poema um direito inato à voz, a voz de mulheres negras da Amazônia e de Rondônia e também da sua própria poesia, bem como Amanara Lube. Audre Lorde aconselha as que escrevem entre nós:

Para aquelas entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar não a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e espalhar também as palavras que nos são significativas. Mas o mais importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento (LORDE, 2019b, p. 54-55).

Por fim, escrever e poetizar é um legado da ancestralidade e um ato de resistência para mulheres negras, é vida, é escrevivência, pois “não é no papel que você cria, mas em suas entranhas, em suas vísceras e da sua matéria viva” (ANZALDÚA, 2021, p. 59). É dessa condição orgânica da escrita que vivências se imbricam e entrecruzam formatando então a poesia de mulheres negras do Norte do Brasil. Então, mulheres:

escreva com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como musicistas, com seus pés como dançarinas. Vocês são reveladoras da verdade, com pena e tocha. Escreva com suas línguas de fogo. Não deixe a tinta coagular em sua caneta e te banir de você mesma. Não deixe o censor apagar a chama, nem a zombaria abafar sua voz. Ponha tudo de si no papel (ANZALDÚA, 2021, p. 62).

Essa passagem nos faz refletir no corpo a corpo que a escrita feita por mulheres negras denota, afinal tudo está em jogo: seu lugar de origem, seu espaço atual, sua busca por identidade. Por isso é tão necessário que essa escrita-história continue viva e sendo contada e que esse movimento ecoe a partir dessa ancestralidade partilhada, da resistência da palavra que vai encontrando e resgatando outras mulheres: filhas, mães, avós.

Considerações finais

A partir de nossa pesquisa foi possível perceber a relevância dos escritos de Amanara Lube e Mari Santos, que compartilham em sua literatura da ancestralidade-resistência necessária para continuar ecoando em solos não só do Norte, mas em outros mais.

As poetas, apesar de terem dois projetos literários distintos trabalham a palavra enquanto resgate, refazendo o caminho do preconceito, para trilhar o caminho da força-afeto. Essas trajetórias literárias são marcadas por afirmação e busca da própria identidade, o que dialoga com os movimentos de mulheres na poesia contemporânea, essa via nos parece a que tem tido mais força, pois olha para o passado e refaz o presente, numa tentativa de angariar um futuro possível.

A perpetuação dessas poéticas ancestrais é um movimento que vem ganhando notoriedade após muitas décadas de invisibilidade. Desse modo, acreditamos que a força que essas escritoras têm desenvolvido em seus projetos literários carregam não só a individualidade de suas identidades, mas a coletividade de outras mulheres mais que lutam e resistem no dia a dia, para obter espaço e voz.

Amanara Lube, Mari Santos, patthy pds, Elaine Márcia, Joely Coelho, Laíssa Pereira, Solimária Lima, Celia Marques, Roziane Jordão, Cleide Blackman, Amor'a Ly, Marcela Bonfim, são algumas das escritoras negras que partem dessa escrevivência amazônica ou partem deste lugar Amazônia para escrever, mulheres negras que forjam seus escritos em livros físicos, em caderninhos, diários, *blogs*, na música, no *rap*, no teatro, no corpo em performance, na crítica literária e na gramática do cotidiano, como diz Conceição Evaristo. A poesia é também das mulheres negras da Amazônia.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução de tatiana nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BÂ. Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In.: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. KI-ZERBO, Joseph (org.). Brasília, UNESCO, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CUNHA, Tainara Quintana da. In.: SANTOS, Mari. **A não tão grande outra**. Editora E-Liber. Tarumã: Editora E-Liber, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

LOPES, Euler. In.: LUBE, Amanara; NIENOV, Christian. **Entre portos: narrativas às margens.** Porto Velho: Editora independente, 2021.

LORDE, Audre. **Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a.

LORDE, Audre. **Irmã outsider.** Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.

LUBE, Amanara Brandão dos Santos, NIENOV, Christian Otto Muniz. **Entre portos: narrativas às margens.** Porto Velho: Editora independente, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021b.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da Ancestralidade** (2012). Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SANTOS, Mari. **A não tão grande outra.** Editora E-Liber. Tarumã: Editora E-Liber, 2022.

WERNECK, Jurema. Introdução. In.: EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.